Ciclo Vital

Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana Possíveis – Contribuições Para Educadores

Josiane Peres Gonçalves[1]

Resumo

Embora sendo difícil estabelecer padrões para a vida humana, posto que fatores culturais e sociais exercem muitas influências na vida de cada pessoa, existem alguns aspectos que são gerais e costumam ocorrer em populações de sociedades ocidentais industrializadas. O presente estudo bibliográfico busca, mediante fundamentação principal em Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), analisar o processo de desenvolvimento humano, destacando as diferentes fases da vida bem como a idade e principais características de cada fase. Assim, analiso inicialmente a questão do desenvolvimento, para, em seguida, comentar sobre a concepção e o período pré-natal, as fases correspondentes à infância, à adolescência e à idade adulta, incluindo o idoso, para, finalmente, refletir sobre a morte que marca o fim do ciclo vital. Espero que o artigo possa contribuir com professores e demais profissionais que trabalham com a formação de seres humanos, uma vez que todas as pessoas, inclusive os profissionais da educação, encontram-se em alguma das fases do ciclo vital.

Palavras-chave: Pré-natal. Infância. Adolescência. Idade adulta.

VITAL CYCLE: START, DEVELOPMENT AND END OF LIFE POSSIBLE – CONTRIBUTIONS FOR EDUCATORS

Abstract

Although it is difficult to establish standards for human life, as cultural and social factors exert many influences in the life of every person, there are some aspects that are general and often occur in populations of western industrialized societies. This literature search study by main reasons for Bee (1997) and Papalia, Olds and Feldman (2013), analyzing the human development process, highlighting the various stages of life, as well as age and main

[1] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e Pedagogia – Campus de Naviraí (UFM/CPNV). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). josiane.peres@ufms.br

characteristics of each stage. So, initially analyze the issue of development, and then comment on the conception and pre-natal period, the phases corresponding to childhood, adolescence and adulthood, including the elderly, to finally reflect on death which marks the end of the life cycle. I hope that the article can contribute to teachers and other professionals working with the formation of human beings, since all people, including professional education, are in some stage of the life cycle.

Keywords: Prenatal care. Childhood. Adolescence. Adulthood.

Ao trabalhar com a disciplina de Psicologia da Educação em cursos de Licenciatura, entendo que é necessário refletir sobre o ciclo vital, uma vez que nas escolas os professores trabalham com alunos de determinadas faixas etárias, mas o tempo todo se relacionam com os familiares, colegas de trabalho e diversas outras pessoas, considerando que todos os envolvidos no processo educativo se encontram em alguma das etapas do ciclo vital. Assim, acredito que é importante ter noções sobre o que as pesquisas têm apresentado sobre o desenvolvimento humano em cada uma das fases da vida.

Como nas aulas de Graduação eu me baseava principalmente em Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013)[2], mas trabalhava apenas em forma de esquema por não ter um texto que sintetizasse as ideias descritas nas duas obras, senti a necessidade de elaborar o presente artigo para sistematizar as ideias e poder utilizá-las nas aulas de Psicologia da Educação. Assim, a pesquisa bibliográfica é norteada principalmente pelos autores mencionados, sendo complementada por alguns outros referenciais, incluindo documentos oficiais.

É importante destacar que fatores que antecedem a concepção de uma nova vida podem influenciar o processo de desenvolvimento humano. Por exemplo, se os pais têm muita expectativa em relação ao filho; se a gravidez não foi planejada, porém foi bem-aceita; se a gestação não foi planejada e também não foi bem-aceita; se os pais tiveram dificuldades para engravidar; se os pais queriam que a criança fosse menina ou menino e se frustraram com a expectativa; entre tantas outras influências. Enfim, são vários fatores anteriores ao surgimento do bebê que podem interferir no seu processo de desenvolvimento. O ciclo vital, no entanto, tem um início, passando por algumas fases, até chegar ao seu final. Às vezes, o fim ocorre durante a própria gestação, mediante aborto, ou pode ser em qualquer outra fase da vida, mas em geral a sociedade espera que a morte ocorra somente com a idade avançada, já na velhice.

[2] Bee (1997) escreveu o livro “O Ciclo Vital” e Papalia, Olds e Feldman (2013) o livro “Desenvolvimento Humano”. As duas obras de pesquisa são bem-completas e abordam sobre o desenvolvimento do ser humano, incluindo a concepção, o período pré-natal, a infância, a adolescência, a idade adulta, a velhice e a morte.

Outra questão importante destacada por Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), é que não existe um padrão fixo para o desenvolvimento humano predominante em todas as culturas, e os resultados de pesquisa apresentados são frequentes em sociedades ocidentais industrializadas. Ao mesmo tempo, as idades que demarcam as fases da vida após o nascimento não são rígidas, tratando-se apenas de aproximações que representam a média entre a maioria das pessoas.

Diante do exposto, o presente estudo bibliográfico, norteado principalmente pelas obras de Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), tem como objetivo analisar o processo de desenvolvimento humano, destacando as diferentes fases da vida, bem como a idade e principais características de cada fase.

Início do Ciclo Vital: fecundação, concepção?

De acordo com Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), o desenvolvimento humano inicia durante o momento da concepção ou fecundação de um óvulo com um espermatozoide: "O primeiro passo no desenvolvimento de um único ser humano é o momento da concepção, quando um único espermatozóide do homem penetra a parede do óvulo da mulher" (BEE, 1997, p. 86); "A fecundação, união de um óvulo e um espermatozóide, resulta na formação de um zigoto unicelular, o qual se duplica por divisão celular" (Papalia; Olds; Feldman, 2013, p. 103). Ao comentar como se dá esse processo inicial de formação de uma nova vida, Bee (1997, p. 86) ensina:

> Um casal que tenha relação sexual durante os poucos dias críticos, quando o óvulo se encontra na trompa de Falópio, possibilita que um dentre os milhões de espermatozoides ejaculados como parte de cada orgasmo masculino locomova-se ao longo de toda a distância que vai da vagina, cérvix, útero e trompa de Falópio e penetre na parede do óvulo. Uma criança é concebida.

Todo esse processo que inclui a fecundação, a locomoção pelas trompas de Falópio, até a chegada e fixação no útero, é que caracteriza o início de uma nova vida. A partir dali ela irá se desenvolver passando por muitos ciclos, sendo finalizada pela morte.

Quanto ao processo de desenvolvimento humano, Papalia, Olds e Feldman (2013) destacam que o crescimento e o desenvolvimento motor ocorrem de cima para baixo e do centro para a periferia do corpo, sendo entendidos como princípios: cefalocaudal e próximo-distal.

> O Princípio cefalocaudal diz que o desenvolvimento prossegue da cabeça para a parte mais baixa do tronco. A cabeça o cérebro e os olhos do embrião desenvolvem-se mais cedo e são desproporcionalmente grandes até o crescimento das outras partes. Aos dois meses de gestação, a cabeça do embrião é metade do comprimento do corpo. No nascimento, a cabeça é apenas um quarto do comprimento do corpo, mas ainda é desproporcionalmente grande. De acordo com o princípio próximo-distal, o desenvolvimento prossegue das partes próximas do centro para as outas mais externas. A cabeça e o tronco do embrião desenvolvem-se antes dos membros, e braços e pernas antes dos dedos das mãos e dos pés (Papalia; Olds; Feldman, 2013, p. 85).

A partir da concepção e fixação do óvulo fecundado no útero da mãe, uma nova vida surge, passando por diversas fases, sendo que a inicial é caracterizada como período pré-natal, que corresponde, quando não há grandes problemas, a aproximadamente nove meses de gestação.

Pré-Natal

Em razão das grandes transformações que ocorrem nessa fase, em que duas células invisíveis se unem, e após nove meses é uma e chega a medir aproximadamente 50 centímetros, Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013) afirmam que o novo ser passa por três fases diferentes, sendo identificado como zigoto, embrião e feto, conforme apresentado na sequência.

Estágio Germinal (da fecundação até a segunda semana) – Zigoto

O estágio germinal corresponde ao período da fecundação até a introdução no útero "[...] comumente a 10 dias ou duas semanas da concepção" (Bee, 1997, p. 91). A autora acrescenta que "Durante os primeiros dias após a

concepção, o chamado estágio germinal de desenvolvimento, a célula inicial divide-se, movimenta-se pela trompa de Falópio e é implantada na parede do útero".

Também Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 85), ao comentar sobre o mesmo estágio, ressaltam que "Durante o período germinal da fecundação até aproximadamente duas semanas de idade gestacional, o zigoto se divide, torna-se mais complexo e é implantado na parede do útero, marcando o início da gravidez". Ou seja, as duas semanas iniciais após a concepção, em que normalmente a mãe desconhece todo o fenômeno que está ocorrendo em seu ventre, marcam o período germinal, dando início, na sequência, ao período embrionário.

Período Embrionário (de duas a oito semanas) – Embrião

Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 89) mencionam que "Durante o período embrionário, o segundo estágio de gestação, entre a segunda e oitava semana, os órgãos e os principais sistemas do corpo – respiratório, digestivo e nervoso – desenvolvem-se rapidamente". Os autores alertam para a complexidade dessa fase da vida: "Esse é um período crítico, quando o embrião encontra-se muito vulnerável às influências destrutivas do ambiente pré-natal [...] defeitos que ocorrem mais tarde na gravidez provavelmente serão de menor gravidade".

Ao comentar sobre esse mesmo período, Bee (1997, p. 113) descreve: "O segundo estágio, período do embrião, inclui o desenvolvimento das várias estruturas que apoiam o desenvolvimento fetal, tais como a placenta, bem como formas primitivas de todos os sistemas de órgãos". Em geral, durante a fase de embrião, a mãe descobre a gravidez e já começa a tomar os devidos cuidados, sendo estes dos mais complexos, porque a nova vida encontra-se em processo de formação. Nos meses seguintes, a estrutura básica está formada, tendo possibilidade de o novo ser, agora chamado de feto, crescer e se aprimorar.

Período Fetal (de oito semanas até o nascimento) – Feto

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 89), "O aparecimento das primeiras células ósseas em torno da oitava semana sinaliza o começo do período fetal, a fase final da gestação". Assim, durante esse período, "[...] o

feto cresce rapidamente até cerca de 20 vezes seu comprimento anterior, e os órgãos e sistemas do corpo tornam-se mais complexos. Até o nascimento, desenvolvem-se os 'arremates finais', tais como as unhas dos dedos das mãos e dos pés". Corroborando com a mesma ideia, Bee (1997, p. 113), considera que "As 30 semanas finais de gestação, o chamado período fetal, são dedicadas, basicamente, ao aumento e ao aprimoramento de todos os sistemas de órgãos".

Ao comentar sobre algumas mudanças durante o período fetal, Bee (1997, p. 113), explica: "10 – 12 semanas de gestação: o sexo da criança pode ser determinado; músculos, pálpebras e lábios; os pés e as mãos têm dedos". Com "16 semanas: a mãe costuma sentir os primeiros movimentos do feto agora; os ossos começam a desenvolver-se; as orelhas estão mais bem formadas". Em seguida, com "22 semanas: os olhos estão formados (embora fechados), tal como o cabelo, as unhas, as glândulas sudoríparas e as papilas gustativas". A autora comenta que "Alguns bebês nascidos com 22 ou 24 semanas sobrevivem, embora a taxa de sobrevida seja baixa e seja bastante elevada a incidência de problemas". Estando já com "28-30 semanas: os sistemas nervoso, circulatório e respiratório estão suficientemente formados para dar apoio à vida, embora o bebê seja ainda bastante pequeno e o sistema nervoso tenha apenas iniciado sua arrancada ao desenvolvimento dos dendritos".

Após esse processo de formação de uma nova vida durante o período pré-natal, existe um momento de transição, caracterizado pelo nascimento do bebê e primeiros dias de vida. Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 147), "O período neonatal é um tempo de transição entre a vida intrauterina e a vida extrauterina. Durante os primeiros dias, o neonato perde peso e depois o recupera". Os autores afirmam que "No nascimento, os sistemas circulatórios, respiratório, gastrintestinal e de regulação da temperatura tornam-se independentes da mãe". Assim, passado esse processo de nascimento e sobrevivência durante as primeiras semanas, o bebê continua se desenvolvendo durante a fase que corresponde à infância.

Infância

Como em todas as fases da vida, a infância tem características diferentes de acordo com a idade e, por esse motivo, se subdivide em 1ª, 2ª e 3ª infância, tendo algumas especificidades em cada momento.

1ª Infância (do nascimento aos 3 anos)

Nesta fase, além do crescimento rápido, a criança adquire duas importantes habilidades que são fundamentais para a sua sobrevivência: a capacidade de andar e falar. Ao comentar sobre o crescimento dos bebês, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 147) mencionam que "O corpo de uma criança cresce muito mais durante o primeiro ano de vida; o crescimento prossegue em um ritmo acelerado, mas decrescente, ao longo dos três primeiros anos". Também Bee (1997, p. 136) relata que "Os bebês triplicam o peso do corpo, no primeiro ano de vida, acrescentando de 30 a 38 cm ao comprimento, antes dos 2 anos". Nesse sentido, "[...] o rápido aperfeiçoamento das habilidades locomotoras e manipulativas ocorre nos dois primeiros anos, à medida que o bebê evolui do engatinhar para o andar e para o correr, e de uma habilidade de pressão deficitária para uma boa preensão" (Bee, 1997, p. 136).

Essa capacidade de engatinhar e, em seguida, caminhar sozinho, representa uma autonomia para a criança no sentido de locomoção. Para Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 148), "A auto locomoção gera mudanças em todos os domínios do desenvolvimento".

Quanto à capacidade de se comunicar, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 188) relatam que "Antes de usar sua primeira palavra, o bebê utiliza gestos". Nesse sentido, "[...] a fala pré-linguística inclui choro, arrulho, balbucio e imitação dos sons da língua. Aos seis meses, o bebê aprendeu os sons básicos de sua língua e começou a vincular som e significado". Por fim, o bebê começa a falar: "A primeira palavra costuma surgir entre 10 e 14 meses, dando início à fala linguística. Um 'surto de nomeação' ocorre entre 16 e 24 meses de idade".

Segundo Piaget (1987), nessa fase inicial da infância a criança adquire diversas habilidades e, entre elas, aprende a diferenciar as pessoas de objetos e ela mesma em relação às outras pessoas, obtendo a noção de "eu". Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 230) consideram que "O senso de si surge entre quatro e dez meses, à medida que o bebê começa a perceber uma diferença entre ele próprio e os outros e a experimentar um senso de atuação e auto coerência". Gradativamente, a criança vai formando o autoconceito "[...] a partir dessa sensação perceptual de si e se desenvolve entre 15 e 18 meses, com o surgimento da auto consciência e do auto reconhecimento".

As duas principais habilidades adquiridas durante essa primeira fase da infância são importantes por garantir uma certa independência, uma vez que a criança consegue se locomover sem precisar de ajuda e tem capacidade de se comunicar mais claramente, sendo possível externalizar suas necessidades de maneira mais eficaz. Além do mais, tanto a linguagem quanto a capacidade de andar são aquisições que o ser humano vai utilizar para o resto da vida, inclusive no período correspondente a 2ª infância.

2ª Infância (de 3 a 6 anos)

De acordo com Bee (1997, p. 233), "O desenvolvimento físico é mais lento dos 2 aos 6 anos, embora seja ainda permanente. As habilidades motoras continuam a aperfeiçoar-se gradativamente". Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 273), "As crianças progridem rapidamente quanto à aquisição de habilidades motoras grossas e finas, desenvolvendo sistemas de ação mais complexo". Nesse sentido, "As fases de produção artística, que parecem refletir o desenvolvimento cerebral e a coordenação motora fina, são a fase de rabiscar, a fase de traçar formas, a fase de desenho e a fase pictográfica". Os autores também afirmam que "A preferência pelo uso de uma das mãos é comum aos 3 anos, refletindo o predomínio de um dos hemisférios cerebrais".

Algumas características importantes durante a segunda infância, conforme Piaget (1987), é a questão do egocentrismo, em que a criança tem dificuldade de entender os fatos sob o ponto de vista de outras pessoas, além das

capacidades de utilizar a imaginação e brincar de faz de conta, evidenciando que se apropriou de muitos conhecimentos que fazem parte do ambiente físico e social em que está inserida. Corroborando com Piaget, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 310) afirmam:

> O brincar traz benefícios físicos, cognitivos e psicossociais. As mudanças nos tipos de brincadeira em que a criança se envolve refletem os desenvolvimentos cognitivo e social [...] a criança progride cognitivamente dos jogos funcionais aos jogos construtivos, jogos de faz-de-conta e, depois, jogos formais com regras. Os jogos de faz-de-conta tornam-se cada vez mais comuns durante a segunda infância e ajudam a criança a desenvolver habilidades sociais e cognitivas.

Em relação às interações com outras crianças, principalmente mediadas pelas brincadeiras, Bee (1997, p. 258) sinaliza que "O brinquedo com os companheiros já é visível antes dos 2 anos de idade, tornando-se cada vez mais importante ao longo dos anos pré-escolares. É evidente também a agressividade com os colegas, mais física nos 2 e 3 anos, mais verbal nos 5 e 6 anos". A autora acrescenta que "Amizades de curto prazo, a maioria baseada na proximidade, são evidentes nessa variação etária. A maior parte desses pares é do mesmo sexo".

Outras aquisições importantes durante a segunda infância dizem respeito à descoberta da sexualidade e construção da identidade de gênero. Em relação à sexualidade, Chagas (2002, p. 157) assinala que nessa fase a criança descobre que "[...] é divertido e prazeroso tocar partes do corpo, inclusive as genitais. É importante que essa liberdade de descoberta esteja assegurada". O autor compreende que é um processo de conhecer o próprio corpo e por isso a criança tem o direito de explorar o que ainda é desconhecido para ela. Sobre as relações de gênero, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 310) consideram que "A identidade de gênero é um aspecto do autoconceito em desenvolvimento" e Bee (1997, p. 259) evidencia que "[...] as crianças começam a aprender o que é 'apropriado', em termos de comportamento, a seu gênero. Por volta dos 5 ou 6 anos, a maioria das crianças desenvolveu regras bastante rígidas sobre aquilo que meninos e meninas devem fazer ou ser".

As aquisições obtidas nessa fase da vida são importantes para a criança se conhecer melhor, se diferenciar uma das outras e poder interagir socialmente. A possibilidade de usar a imaginação, brincar de faz de conta, ter noções sobre a sexualidade e relações de gênero, são fatores relevantes para as próximas fases da vida, incluindo a 3ª infância.

3ª Infância (de 6 a 11 anos)

Ao refletir a última fase da infância, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 351) sugerem que "O desenvolvimento físico é mais lento na terceira infância do que nos anos anteriores. Ocorrem grandes diferenças na altura e no peso". Os autores também comentam que:

> Uma criança entre 7 e 12 anos a criança está na fase das operações concretas. As crianças são menos egocêntricas do que antes e mais competentes para tarefas que requerem raciocínio lógico, como relações espaciais, causalidade, categorização, raciocínios indutivo e dedutivo e conservação. Contudo, o raciocínio é amplamente limitado ao aqui e agora (2013, p. 351).

Quanto às amizades e as interações entre os pares, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 390) mencionam que "O grupo de amigos, ou colegas, torna-se mais importante na terceira infância. Esses grupos geralmente consistem em crianças de idade, sexo, etnia e condição socioeconômica semelhantes, e que vivem próximas umas das outras ou que vão juntas para a escola". Os autores analisam a influência das amizades para o desenvolvimento infantil:

> O grupo de amigos ajuda a criança a desenvolver habilidades sociais, permite que ela teste e adote valores independentemente dos pais, dá-lhe um senso de afiliação e ajuda a desenvolver o autoconceito e a identidade de gênero. Também pode encorajar a conformidade e o preconceito (2013, p. 390).

É possível perceber que ao mesmo tempo em que as amizades contribuem para ampliar as relações sociais longe da família, além de outros benefícios para a criança, pode também estimular preconceitos e outras aprendizagens consideradas não muito saudáveis. O importante é que o grupo de amigos tenha padrões de comportamento e valores semelhantes aos da família.

De acordo com Bee (1997, p. 312), "As relações com os companheiros tornam-se cada vez mais importantes. A segregação de gênero nas atividades grupais com amigos estão no auge nesses anos, aparecendo em todas as culturas", ou seja, é comum as meninas ficarem mais com as meninas e os meninos com os meninos. Tal característica mudará drasticamente na próxima fase da vida, correspondente à adolescência.

Adolescência

Embora no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, considera que são adolescentes as pessoas que têm entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990), é possível afirmar que não existe uma idade exata que determine o início desse período da vida. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 432), "A adolescência, nas sociedades industriais modernas, é a transição da infância para a vida adulta. Vai dos 10 aos 11 anos até os 18 ou 19, chegando mesmo até os 20-21 anos". Já Bee (1997, p. 346) ressalta que "A adolescência é definida não apenas como um período de mudanças da puberdade, mas como um período de transição entre a infância e a adoção completa de um papel adulto." Também sugere que "Devido à importância dessa transição, ela é marcada por ritos e rituais em várias culturas – embora não na maioria dos países ocidentais modernos".

Ferreira (2003, p. 16) divide a adolescência em três fases: "[...] a pré-adolescência ou adolescência menor, a adolescência média e a adolescência maior ou juventude".

Pré-adolescência ou adolescência menor (de 11 a 14 anos)

Ferreira (2003) comenta que essa etapa inicia em média em torno de 11 a 13 anos para as meninas e 12 a 14 para os meninos, mas as idades não são rígidas, uma vez que as mudanças físicas é que marcam a saída da infância e a entrada na adolescência. Pelo estirão, entendido como crescimento abrupto, a pessoa percebe o corpo se transformar muito rapidamente e nem sempre é uma situação muito tranquila.

> O pré-adolescente cresce rápido e desproporcionadamente. As mudanças anatômicas e fisiológicas resultam numa grande preocupação com o próprio corpo. A altura, o tamanho dos músculos, a largura dos ombros, a mudanças de voz e as espinhas são preocupações masculinas. Ao passo que o desenvolvimento dos seios, o alargamento dos quadris e o medo de ficar baixa ou alta demais são os temas que movimentam o pensamento feminino (Ferreira, 2003, p. 16).

Aberastury e Knobel (2008), ao comentar sobre a síndrome normal da adolescência, mencionam sobre o luto pelo corpo infantil em que é preciso entender que o corpo que existia até há pouco tempo não voltará mais. É necessário, portanto, encarar a nova realidade e se identificar com o novo corpo que terá de agora em diante. Bee (1997) menciona que no início da adolescência a autoestima costuma diminuir um pouco, vindo a aumentar ao longo dos anos do mesmo período da vida.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 432), "A puberdade é desencadeada por mudanças hormonais. Dura cerca de 4 anos, começa mais cedo nas meninas e termina quando o indivíduo é capaz de reproduzir, mas o tempo de ocorrência desses eventos varia consideravelmente". Nesse sentido, durante a puberdade "[...] tanto os meninos quanto as meninas passam por um surto de crescimento adolescente. Os órgãos reprodutores aumentam de tamanho e amadurecem, aparecendo as características sexuais secundárias". Os referidos autores também afirmam:

> O começo da adolescência é cheio de oportunidades para os crescimentos físico, cognitivo e psicológico e também de riscos para o desenvolvimento saudável. Padrões de comportamento de risco, como o consumo de álcool, o abuso de drogas, atividades sexuais e em grupo e o uso de armas de fogo tendem a aumentar ao longo da adolescência, mas a maioria dos jovens não experimentam problemas mais sérios (2013, p. 432).

Quanto às relações com a família, Bee (1997, p. 378) destaca que "As interações entre os adolescentes e seus pais costumam ficar um tanto quanto conflitantes no início da adolescência, fenômeno que, possivelmente, possa ter relação com as mudanças físicas da puberdade. Todavia, o apego aos pais permanece forte".

Adolescência média (de 14 a 17 anos)

De acordo com Ferreira (2003), a adolescência média compreende o período de 13 a 15 anos para as meninas e 14 a 16 para os meninos. O grupo de amigos é a característica mais marcante nessa fase. Para Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 467), "A estrutura do grupo de amigos torna-se mais elaborada, envolvendo panelinhas e turmas, bem como amizades". Também Bee (1997, p. 378) entende que "As relações com os companheiros passam a ser cada vez mais importantes, seja quantitativa, seja qualitativamente". Assim, os companheiros cumprem uma função importante, como se fosse uma ponte entre a dependência da infância e a independência da vida adulta.

Diante dessa intensa convivência com o grupo de amigos, os adolescentes costumam ter vestimentas e linguagens semelhantes para se sentirem aceitos pelos colegas. Assim, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 433) consideram que "O vocabulário e outros aspectos do desenvolvimento da linguagem, sobretudo aqueles relacionados ao pensamento abstrato, como perspectiva social, são aprimorados na adolescência. Os adolescentes gostam de jogos de palavra e criam seu próprio 'dialeto'".

Quanto às relações sociais, Papalia, Olds e Feldman (2013) relatam que os adolescentes costumam passar mais tempo com seus pares, mas que as relações com os pais continuam a ser influentes. "O conflito com os pais tende a ser mais frequente durante o início da adolescência e mais intenso durante meados da adolescência. Educar os filhos de modo responsável (assertividade) traz resultados mais positivos (p. 467)".

Corroborando com essa ideia, Bee (1997, p. 378) analisa que as interações nas "[...] famílias com figuras de autoridade continuam a ser o melhor padrão na adolescência. Os adolescentes dessas famílias são mais autoconfiantes, menos aptos a utilizar drogas e possuem uma auto estima maior do que os adolescentes de famílias negligentes ou autoritárias".

Adolescência maior ou juventude (de 17 a 20 anos)

Ferreira (2003) ressalta que essa fase é também chamada de mocidade e situa-se entre 15 e 18 anos para as meninas e 16 e 19 para os rapazes. A pressão e cobrança social são as principais características, além da busca pela identidade.

> Na adolescência maior, o jovem toma posição e decide o problema da escolha profissional, para planejar o seu destino como pessoa consciente. Também se posiciona quanto à filosofia de vida e, nas suas atitudes, vai procurar estabelecer uma hierarquia pessoal de valores (Ferreira, 2003, p. 18).

Nesse sentido, a autora comenta que, nessa fase de transição para a idade adulta, a opção profissional, a postura ética e ideológica, além da escolha do companheiro ou companheira para a vida (tanto para heterossexuais quanto para homossexuais), evidenciam que a problemática geral é sociológica, estando relacionada às cobranças impostas pela sociedade.

Quanto à busca pela identidade, Papalia, Olds e Feldman (2013) ressaltam que se trata de uma preocupação fundamental durante a adolescência, a qual tem componentes ocupacionais, sexuais e de valores. Ferreira (2003, p. 18) considera que a pergunta inicial do adolescente é "Quem sou eu?" e gradativamente vai se transformando em virtude das diversas experiências vividas até chegar à afirmação "Isso sou eu". Ou seja, a conquista da identidade, que é um processo lento, gradual e sofrido, é importante para o êxito da idade adulta.

Em razão do sofrimento que costuma ocorrer durante a fase da adolescência, especialmente na etapa final por causa das inúmeras cobranças da sociedade, Bee (1997, p. 379), entende que "As taxas de depressão aumentam muito na adolescência e são mais elevadas entre as meninas [...] Atos delinquentes também aumentam na adolescência, especialmente entre os garotos". Ao comentar sobre a "delinquência crônica", Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 467) sugerem que ela está "[...] associada a múltiplos fatores de risco interatuantes, incluindo educação familiar ineficaz, falta à escola, influência de amigos e baixo nível socioeconômico. Programas que atacam esses fatores de risco desde os primeiros anos de vida têm obtido êxito".

Para finalizar a discussão relativa à fase da adolescência, é importante refletir sobre o que relata Ferreira (2003, p. 15): "Não se podem fixar fronteiras para o período, por volta dos 21 ou 22 anos chega ao seu fim, com a completa inserção na vida adulta".

Idade Adulta

A idade adulta é a mais longa do ciclo vital, e durante muitos anos não foi estudada porque muitos pesquisadores entendiam que o ser humano já havia alcançado o auge do seu desenvolvimento. Pesquisas recentes, no entanto, como as de autores utilizados nesse estudo, evidenciam que o ser humano encontra-se em contínuo processo de desenvolvimento, inclusive durante a fase adulta. Assim, Santos e Antunes (2007) afirmam:

> A adultez, fenômeno do desenvolvimento humano, apresenta-se com novas responsabilidades, em novos referenciais de existencialidade, em novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana. Por ser a fase mais longa da existência do ser humano, merece especial atenção, mesmo porque há pouco tempo vem sendo entendida e percebida com tais referenciais.

Mosquera (1982, p. 98) considera, também, que, como nas outras fases da vida, a idade adulta também tem problemas típicos para serem resolvidos: "[...] cada fase tem uma problemática específica, dividida em sub-problemáticas que atingem as pessoas em seus momentos decisivos ante seu próprio projeto vital e suas relações com os outros". Ou seja, o período compreendido como adultez, que se subdivide em adulto jovem, meia idade e idoso, tem diversos desafios a serem vivenciados, e um dos primeiros é a transição entre a adolescência e o início da idade adulta.

Adulto Jovem (de 20 a 40 anos)

Ao comentar sobre a transição entre a adolescência e idade adulta, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 506) expõem:

> Em sociedades tecnologicamente avançadas, o ingresso na vida adulta não é claramente demarcado: ele exige mais tempo e segue caminhos mais variados do que no passado. Deste modo, alguns cientistas do desenvolvimento

> sugerem que o intervalo de tempo que envolve o final da adolescência até meados dos 20 anos é um período de transição distinto denominado início da vida adulta.

Bee (1997, p. 410) menciona que "Embora se trate de uma divisão arbitrária, podemos segmentar os anos de vida adulta em três períodos, sendo que a primeira parte abrange os anos dos 20 aos 40 anos". Argumenta, ainda, que "[...] não há dúvida de que entre 20 e 40 anos os adultos estão em seu auge físico e cognitivo". Isso ocorre porque "Durante esses anos uma pessoa possui mais tecido muscular, mais cálcio nos ossos, mais massa cerebral, melhor acuidade sensorial, maior capacidade aeróbica e um sistema imunológico mais eficiente". Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 506) concordam com a boa capacidade física nessa fase da vida e acrescentam: "Os acidentes são a causa principal de óbitos no início da vida adulta".

Observa-se que durante a fase de adulto jovem, as pessoas encontram-se no auge das suas habilidades físicas. Por esse motivo, profissões que se baseiam essencialmente em atividades corporais (como esportistas, modelos, dançarinos, etc.), são predominantes nessa fase da vida. Ao mesmo tempo, os adultos jovens não têm muita preocupação com a morte, tornando-se muitas vezes prepotentes. Consequentemente, os óbitos ocorridos entre os 20 e 40 anos de vida, costumam estar associados à contextos de violência como acidentes e assassinatos. Para Rodrigues (2003), esses tipos de mortes violentas são mais frequentes entre o público masculino.

Quanto ao aspecto cognitivo, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 507) sinalizam que "A maioria dos adultos jovens ingressa atualmente na universidade ou em instituições de ensino superior. Mais mulheres do que homens entram na universidade hoje em dia, em um número cada vez maior buscam áreas em que tradicionalmente predominavam os homens". Bee (1997, p. 411) argumenta que "Medidas de habilidade cognitiva, assim como a habilidade física, mostram declínio com a idade, embora esse declínio ocorra bastante mais tarde em habilidades como o vocabulário, problemas diários de memória e solução normal de problemas".

Acontecimentos importantes que marcam o início dessa fase são assim relatados por Bee (1997, p. 444): "As tarefas centrais no início da vida adulta são a aquisição e o aprendizado de três principais papéis: parceiro/cônjuge, pais e profissional [...] O processo tem início com a saída de casa, o que envolve separação física e emocional dos pais".

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 541):

> A idade adulta emergente, o período que envolve aproximadamente os 18 anos até início ou mesmo o final da segunda década de vida, frequentemente é um tempo de experimentação antes de se assumir papéis e responsabilidades de adultos estáveis. Tarefas evolutivas tradicionais como encontrar um trabalho estável e desenvolver relacionamentos afetivos de longa duração agora podem ser adiadas até os 30 anos ou mais [...] Cada vez mais os adultos jovens ampliam a educação escolar e protelam a paternidade/maternidade.

É possível perceber que as idades não são rígidas e que a questão da paternidade/maternidade, embora esteja sendo protelada, costuma ocorrer com maior intensidade durante a fase de adulto jovem, em razão, principalmente, do auge das habilidades físicas, que interfere no contexto familiar. Para Bee (1997, p. 445), "A paternidade traz as alegrias e o estresse de um novo papel a ser aprendido. Em média, a satisfação conjugal declina após o nascimento do primeiro filho e permanece baixa durante a maior parte do início da vida adulta".

Quanto à profissão, Bee (1997, p. 445) comenta que "O trabalho ou carreira específicos que um adulto escolhe são afetados por sua formação acadêmica, inteligência, valores e recursos familiares, personalidade e sexo". Nesse sentido, "A maior parte dos adultos opta por ocupações que combinam com as normas culturais de sua classe social e sexo". A autora também afirma que "Os adultos tendem a escolher, e a serem mais felizes, em trabalhos que se adaptem à sua personalidade".

> Podemos pensar na carreira ligada ao papel profissional como tendo dois estágios, no início da vida adulta: o da tentativa (ou estabelecimento), em que são explorados caminhos alternativos, e um estágio de estabilização, em que se firma o caminho profissional [...] Para as mulheres, ocorre, com frequência, um estágio adicional de "entrada e saída", em que as responsa-

> bilidades familiares alternam-se com períodos de trabalho fora de casa [...] Quando ambos os parceiros trabalham, as responsabilidades familiares não são divididas com igualdade; as mulheres continuam a desempenhar mais desse trabalho e sentem maior conflito de papéis (Bee, 1997, p. 445).

No que se refere à personalidade, Bee (1997, p. 445) afirma: "Parece, existir mudanças partilhadas na personalidade. Entre os 30 e 40 anos, os jovens adultos tornam-se mais independentes, mais confiantes, mais afirmativos, mais voltados para as conquistas, mais individualistas e menos governados por regras sociais". A autora considera, porém, que "Esses padrões diferem um pouco nos adultos que não adotam um ou mais dentre os principais papéis, tais como os que não se casam ou os que não têm filhos".

Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 541), "Os adultos jovens procuram intimidade emocional e física nos relacionamentos com pares e parceiros afetivos. A auto revelação e um sentimento de integração são aspectos importantes da intimidade". Os autores também comentam que "A maioria dos adultos jovens têm amigos, mas crescentemente limitam o tempo que passam com eles. As amizades femininas tendem a ser mais íntimas do que a dos homens".

Assim como a maternidade/paternidade têm sido proteladas, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 541) analisam que isso também tem ocorrido com a questão afetiva:

> Hoje, mais do que no passado, mais adultos adiam o casamento ou nunca se casam [...] Entre as razões para uma pessoa manter-se solteira incluem-se as oportunidades da carreira, viagens, liberdade sexual e de estilo de vida, desejo de auto realização, maior auto suficiência da parte das mulheres, menor pressão social para casar-se, medo do divórcio, dificuldade para encontrar um par adequado e falta de oportunidades de namoro ou de pares disponíveis.

Por outro lado, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 542) expõem que "Com a nova etapa da idade adulta emergente e com o aumento da idade para o casamento, o concubinato aumentou e tornou-se norma em alguns países", e

argumentam que "O concubinato pode ser um 'casamento experimental', uma alternativa para o casamento ou, em alguns lugares, algo praticamente indistinguível do casamento".

Baseando-se em diversas pesquisas, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 542) entendem que "[...] o casamento (em uma grande variedade de formas) é universal e satisfaz às necessidades básicas econômicas, emocionais, sexuais, sociais e de criação dos filhos". Inclusive em relação aos homossexuais, os autores sugerem que "Os ingredientes de satisfação de longo prazo são similares nos relacionamentos homossexuais e heterossexuais. Com a ausência de normas aprovadas pela sociedade, entretanto, os casais homossexuais podem ter dificuldades para definir seus relacionamentos".

> O sucesso no casamento pode depender da felicidade que os parceiros sentem com o relacionamento, da sensibilidade de um para com o outro, da validação dos sentimentos mútuos e de suas habilidades de comunicação e gestão de conflitos. A idade em que ocorre o casamento é um indicador importante de sua durabilidade. Resiliência, compatibilidade, apoio emocional e diferentes expectativas da parte do homem e da mulher podem ser fatores importantes (Papalia; Olds; Feldman, 2013, p. 542).

Também baseando-se em resultados de pesquisas, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 542) afirmam que "Os padrões familiares variam de cultura a cultura e se modificaram enormemente nas sociedades ocidentais. Hoje, as mulheres têm menos filhos e os têm mais tarde na vida, e um número crescente opta por não tê-los". Ao mesmo tempo, "Os pais geralmente se envolvem menos na criação dos filhos do que as mães, mas alguns dividem igualmente as obrigações de criá-los e alguns são os responsáveis pelos primeiros cuidados". Apesar dessa colaboração masculina, os autores alertam que, "Na maioria dos casos, a carga de um estilo de vida em que ambos os cônjuges têm trabalhos remunerados, recai mais fortemente sobre a mulher". Diante desse contexto, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 542) consideram que "Se a divisão desigual do trabalho contribuirá ou não para o desgaste conjugal é algo que pode depender de como os cônjuges percebem seus papéis".

Muitas vezes o casamento não resiste aos inúmeros problemas que surgem com a vida familiar, resultando em divórcio, o que não significa que os indivíduos ficarão sozinhos, posto que muitos optam por constituir nova família. Nesse sentido, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 542) enfatizam que “A maioria das pessoas divorciadas casa-se novamente dentro de alguns anos, mas os novos casamentos tendem a ser menos estáveis do que o primeiro”. Nesse processo, “As famílias reconstituídas podem passar por diversas etapas de ajustamento. As mulheres tendem a ter mais dificuldade para serem madrastas do que os padrastos”, indicando que nem sempre é fácil encarar a nova realidade. Na maioria das vezes, porém, as pessoas ainda preferem tentar novamente construir outro relacionamento ou família, ao invés de ficarem sozinhas.

Se casamento, profissão, maternidade/paternidade, força física e cognitiva, são características importantes da fase inicial da vida adulta, vários outros compromissos marcam a nova fase, denominada de adulto médio ou meia idade.

Meia Idade (de 40 a 60 anos)

Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 582), “O conceito de meia-idade é um constructo social. Ele passou a ser usado quando a crescente expectativa de vida levou a novos papéis na fase intermediária da vida [...] A vida adulta intermediária é uma época de ganhos e de perdas”. Os autores argumentam que “A maioria das pessoas de meia idade possui boas condições físicas, cognitivas e emocionais. Elas têm muitas responsabilidades e múltiplos papéis e se sentem competentes para lidar com eles”. Talvez por esse motivo, a meia idade é considerada “[...] uma época para fazer um balanço e tomar decisões em relação aos anos de vida restantes”.

Também Bee (1997, p. 476) entende que “Aos 40 anos, a expectativa de vida é de 35 a 40 anos adicionais, e esse dado tem aumentado consistentemente; a extensão de vida, diferentemente tem probabilidade de permanecer até cerca de 110 anos”. A autora menciona que “Muitas funções físicas mostram mudanças pequenas aos 40, 50 e 60 anos; somente algumas evidenciam mudanças signi-

ficativas". Assim, "Camadas acrescidas ao cristalino do olho, com uma perda também da elasticidade, reduzem notadamente acuidade visual, durante os 40, 50 anos. A perda auditiva é mais gradativa".

É possível perceber, que diferentemente da fase anterior, durante a meia idade as capacidades físicas já começam a declinar, inclusive no que se refere à procriação. Nesse sentido, Bee (1997, p. 476) relata:

> A perda da capacidade de reprodução, chamada de climatério, nos homens e mulheres, ocorre lentamente nos homens, embora com mais rapidez nas mulheres. Aqueles produzem cada vez menos esperma viável e uma menor quantidade de fluido seminal [...] A menopausa costuma ocorrer entre 45 e 55 anos, com consequência de uma série de mudanças hormonais, o que inclui declínios rápidos de estrogênio e progesterona. Um dos principais sintomas é a onda de calorões.

Também Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 582) comentam que "Embora os homens possam continuar a gerar filhos em idade avançada, muitos de meia idade sofrem um declínio da fertilidade e na frequência de orgasmo". Dessa forma, "A atividade sexual geralmente diminui apenas de modo leve e gradual, mas a qualidade das relações sexuais pode melhorar".

Quanto à questão de saúde, Bee (1997, p. 477) faz menção de que "A taxa de doença e mortalidade eleva-se notavelmente na meia-idade. Jovens adultos apresentam mais doenças agudas; adultos na meia-idade apresentam mais doenças crônicas". Em relação às questões de gênero, "As duas principais causas de morte na meia idade são câncer e doenças cardíacas. As taxas de mortalidade para essas duas doenças são mais elevadas entre os homens". Não obstante, "As mulheres evidenciam significativamente mais doenças do que os homens, mesmo que venham a falecer mais tarde".

Ao comentar sobre o aspecto cognitivo, Bee (1997, p. 477) evidencia que "As habilidades cognitivas são, geralmente, mantidas em bom estado, nos anos de vida adulta intermediária, a não ser por algumas habilidades não exercitadas ou no caso daquelas que requeiram velocidade". Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 583) salientam que "Muitos adultos ingressam na universidade em uma

idade não tradicional [...] Adultos vão à escola principalmente para aperfeiçoar habilidades e conhecimentos relacionados ao trabalho ou para preparar-se para uma mudança de carreira". E ao participar das atividades educativas, as pessoas de meia idade têm condições de ampliar as suas relações sociais, além da que ocorre entre os familiares.

Para Bee (1997, p. 508), "Adultos na vida adulta intermediária possuem interações familiares significativas, para cima e para baixo, na cadeia de gerações, criando um 'achatamento de gerações' ou uma 'geração sanduíche'". Por esse motivo, os "Adultos na meia idade oferecem mais assistência em ambas as direções e tentam influenciar os que os antecedem e os que os precedem".

No que se refere à geração que antecede, ou seja, os pais que estão velhos, se já não faleceram, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 621) esclarecem: "A medida que a vida se estende, mais e mais pais idosos se tornam dependentes de cuidados de seus filhos de meia idade. Aceitar essa necessidade de dependência é a marca da maturidade do filho e pode ser o resultado de uma crise filial". Essa crise pode ocorrer porque as pessoas de meia idade percebem a fragilidade dos pais ou mesmo sua ausência, e se dão conta de que a próxima geração a passar pela mesma situação é a sua, pois existe outra geração que o precede, compreendida pelos filhos que estão crescendo ou já saindo de casa.

Quando os filhos saem de casa os pais podem se sentir aliviados por ter cumprido a sua parte em educar a nova geração ou viver uma crise existencial por perder as funções relativas à paternidade ou maternidade. Para Bee (1997, p. 508), "Há poucos sinais de que os pais, na meia idade, tenham reações negativas, quando ocorre o 'ninho vazio', momento em que o último filho deixa o lar. Ao contrário, a redução nas exigências do papel pode contribuir para um aumento na satisfação de vida, nessa idade". Corroborando com essa ideia, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 621) argumentam que "O 'ninho vazio' é libertador para a maioria das mulheres, mas pode ser estressante para casais cuja identidade depende do papel de pai e mãe, ou para aqueles que agora têm de enfrentar problemas conjugais anteriormente adiados". Os autores também relatam que, na atualidade, "[...] mais adultos jovens estão adiando a partida das casas dos pais ou estão retornando a elas, algumas vezes com suas próprias

famílias. Os ajustes tendem a ser mais tranquilos quando os pais veem os filhos adultos se encaminhando na conquista da autonomia". Esse fenômeno, em que os filhos demoram mais tempo para sair de casa, tem sido chamado de geração canguru, e o fato de voltarem para a casa dos pais depois de já terem saído, e muitas vezes voltam com filhos e companheiros, é chamado de síndrome da porta giratória (Rodrigues, 2003).

De acordo com Bee (1997, p. 508), há outro aspecto importante nas relações familiares durante essa fase da vida: "A maior parte dos adultos torna--se avô na meia idade. Muitos mantêm relações afetuosas e carinhosas com os netos, embora existam muitas relações de afastamento. Uma minoria dos avós acha-se envolvida no cuidado diário dos netos". Nesse sentido, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 621) analisam que "Mais adultos tornam-se avós na meia idade", e que "Um número crescente de avós está criando seus netos cujos pais são incapazes de fazê-lo. Educar netos pode criar dificuldades físicas, emocionais e financeiras".

Apesar de tantas tarefas durante o período de meia idade, especialmente relacionadas ao cuidado das gerações anteriores e posteriores, Bee (1997, p. 508), ressalta que "Há vários sinais de que os anos de meia idade são menos estressantes e mais felizes do que o início da vida adulta". Talvez um dos motivos para tal satisfação esteja relacionado ao aspecto afetivo, uma vez que "A satisfação conjugal costuma ser maior na meia idade do que antes. Isso parece dever-se basicamente, a uma redução nos problemas ou nos encontros negativos". Paralelamente, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 620) sugerem que "Divórcio na meia idade é relativamente incomum, mas está aumentando e pode ser estressante, porém pode acarretar uma mudança de vida".

Quanto à homossexualidade nesta fase da vida, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 621) acreditam que, "Em razão de muitos homossexuais adiarem assumir sua posição perante a vida, na meia idade eles ainda estão estabelecendo relacionamentos íntimos". Por outro lado, os autores afirmam que "Casais de homossexuais tendem a ser mais igualitários do que os casais heterossexuais, mas vivenciam problemas semelhantes no que diz respeito a contrabalançar os compromissos familiares com os da carreira".

Quanto à carreira, embora muitos estejam se aposentando ou se preparando para se aposentar, Bee (1997, p. 508-509) destaca que "Perda do emprego traz também aumento de risco de perturbações emocionais e doenças físicas, ambos influenciados diretamente pela perda da segurança econômica e, indiretamente, pela deterioração das relações conjugais e perda da autoestima". Ou seja, são muitos os problemas causados pela perda de emprego nessa fase da vida, principalmente para quem depende da renda para sobreviver. Em uma sociedade industrial e tecnológica, torna-se cada vez mais difícil pessoas de meia idade conseguir um novo trabalho com a mesma remuneração que tinha anteriormente.

Para finalizar a análise sobre a meia idade, é importante destacar sobre as crises, principalmente aos 40, 50 ou 60 anos. Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 620), "Pesquisas não confirmam uma crise normativa de meia idade. É mais interessante se referir a uma transição que envolve uma revisão da meia idade e que pode ser um momento psicológico de decisão". Chegando ao final dessa fase, o ser humano estará entrando na última fase do ciclo vital, ou seja de pessoa idosa ou velhice.

Idoso ou Velhice (mais de 60 anos)

De acordo com o artigo 1º do Estatuto do Idoso do Brasil, são consideradas pessoas idosas aquelas que têm idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003). Quanto a isso, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 666), esclarecem que "Especialistas no estudo do envelhecimento algumas vezes se referem às pessoas da faixa entre 65 e 74 anos como idoso jovem, aos de 75 ou mais como idoso idoso, e aos acima de 85 anos como idoso mais velho". Já Bee (1997, p. 547) relata que "Os que têm mais de 65 anos podem ser divididos, para facilitar, entre os idosos mais jovens (65-75) e os idosos mais velhos (75+)".

Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 666), "A proporção de pessoas idosas entre as populações em todo o mundo é maior do que antes e espera-se que continue a crescer. Pessoas acima dos oitenta são o grupo de idade que cresce mais rápido". Os autores salientam que "A expectativa de vida aumentou sensivelmente e quanto mais as pessoas vivem, mais querem viver".

Também Bee (1997, p. 547) destaca que "O percentual da população acima de 65 anos tem aumentado rapidamente, nas últimas décadas, e continuará a aumentar, no próximo século".

Em relação ao aspecto físico, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 666) consideram que:

> Em geral, a maioria dos sistemas continua a funcionar muito bem, mas o coração começa a ficar mais suscetível a doenças [...] Embora o cérebro mude com a idade, as mudanças em geral são modestas. Elas envolvem perda ou diminuição das células nervosas e uma diminuição geral de respostas. Entretanto, o cérebro também parece ser capaz de gerar novos neurônios e construir novas conexões na fase avançada da vida [...] Problemas auditivos e visuais talvez interfiram na vida diária, mas em geral podem ser corrigidos.

Apesar da gradativa fragilidade do corpo, Bee (1997, p. 547) menciona que "Muitos adultos mais velhos continuam sexualmente ativos, embora isso se torne menos comum com o aumento da idade". Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 666) concordam com essa ideia sobre a sexualidade de pessoas idosas e acrescentam que "A inteligência tende a prognosticar longevidade".

Assim, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 705) salientam que "À medida que a expectativa de vida aumenta, também aumenta a potencial longevidade do casamento. Mais homens do que mulheres são casados na terceira idade. Os casamentos que duram até a terceira idade tendem a ser relativamente satisfatórios". Para Bee (1997, p. 574), "As relações conjugais, na fase tardia da vida adulta, são, em média, relações entre pessoas com elevada satisfação conjugal, com forte lealdade e afeto mútuo. No caso de um dos cônjuges ter alguma incapacitação, o cônjuge saudável proporciona o atendimento". Em relação ao divórcio, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 705) enfatizam:

> [...] é relativamente incomum entre as pessoas mais velhas, e a maioria dos adultos mais velhos que se divorciaram casaram-se novamente. O divórcio pode ser difícil principalmente para pessoas mais velhas. Os segundos casamentos podem ser mais tranquilos na terceira idade.

Por outro lado, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 705) recordam de "Uma pequena mas crescente porcentagem de adultos atinge a terceira idade sem se casar. Adultos que nunca se casam são menos propensos a ser solitários do que os divorciados e os viúvos". Da mesma forma, "Os homossexuais mais velhos, como os heterossexuais, têm necessidade de intimidade, contato social e geratividade. Muitos gays e lésbicas se adaptam ao envelhecimento com relativa facilidade. A adaptação pode ser influenciada pelo status assumido".

Ao refletir sobre as perdas de funções sociais durante a velhice, Bee (1997, p. 574) menciona que "A fase tardia da vida adulta é um período em que desaparecem muitos papéis grandes ou pequenos. Os que permanecem possuem menos conteúdos. Isso pode proporcionar mais licença para a individualidade e a escolha". Em parte, esse desaparecimento de papéis ocorre porque "Muitos adultos mais velhos perdem o papel de esposo, devido à elevada taxa de viuvez. Isso é muito mais comum entre mulheres mais velhas, entre as quais a maioria é de viúvas".

As relações familiares, especialmente com netos, costumam ser importantes pois muitos já estão crescidos ou se casaram, surgindo os bisnetos. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 705), "Os bisavôs são menos envolvidos com a vida das crianças do que os avôs, mas a maioria encontra satisfação nesse papel". Ocorre que nem sempre os netos e bisnetos moram muito perto ou têm contatos frequentes, posto que as gerações mais novas estão comprometidas com outras atribuições características das suas etapas do ciclo vital.

As relações de amizade com outras pessoas são importantes na velhice, mas quanto mais passa o tempo, menor número de amigos com a mesma faixa etária. Bee (1997, p. 574) ressalta que "O grau de contato com os amigos está relacionado à satisfação geral da vida entre adultos mais velhos. As mulheres nesse grupo etário continuam a ter amplas redes sociais. Os homens confiam mais em sua esposa, na busca de apoio social, ao passo que as mulheres confiam nos amigos e nos filhos".

No que diz respeito às formas de sobrevivência, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 704) argumentam:

> Algumas pessoas mais velhas continuam trabalhando pela remuneração, mas a maioria está aposentada. Contudo, muitas pessoas aposentadas começam novas carreiras ou trabalham meio período ou como voluntárias. Frequentemente, a aposentadoria é um fenômeno passageiro [...] A aposentadoria é um processo em andamento e seu impacto emocional deve ser analisado no contexto. Recursos pessoais, econômicos e sociais, bem como a extensão de tempo em que uma pessoa está aposentada, podem afetar o seu ânimo.

Por fim, Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 704) sinalizam que "Em países em desenvolvimento, os idosos frequentemente vivem com filhos ou netos. Em países desenvolvidos, a maioria das pessoas mais velhas vive com um cônjuge e uma crescente minoria mora sozinha". Considerando que cada vez mais pessoas optam por ter apenas um filho ou até mesmo por não ter filhos, é possível afirmar que teremos na sociedade um aumento de pessoas idosas morando sozinhas, sendo necessário criar alternativas de convivência ou mesmo de moradia de qualidade para todos os que conseguiram chegar até a fase final do ciclo vital.

Fim do Ciclo Vital: Morte

Após passar por algumas ou todas as fases da vida, a morte marca o final de um processo único, caracterizado pelo desenvolvimento de cada ser humano. Algumas curiosidades sobre a morte, de acordo com Bee (1997, p. 605), são as seguintes:

> Até cerca de 6 ou 7 anos, as crianças não compreendem que a morte é permanente, inevitável e que envolve perda das funções [...] Entre adultos, a morte possui vários significados: um sinal de mudanças nos papéis familiares; uma punição pelo fracasso em viver uma boa vida; uma transição a outro estado, como a vida após a morte; uma perda de oportunidades e relacionamentos.

Para Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 737), "Embora os adolescentes geralmente não pensem muito sobre a morte, a violência e a sua ameaça fazem parte da rotina diária de alguns deles. Os adolescentes tendem a assumir riscos desnecessários". Por outro lado, "A percepção e a aceitação da inevitabilidade da morte aumentam ao longo da idade adulta".

Tanto Bee (1997, p. 605-606) quanto Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 737), referem-se a cinco estágios que as pessoas costumam vivenciar quando sabe que vão morrer: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Bee (1997, p. 606) ressalta, no entanto, que "As pesquisas não conseguem apoiar a afirmação de que todos os adultos mostram todos os cinco ou que os estágios, necessariamente, ocorrem nessa ordem. E o ingrediente mais comum é a depressão". Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 737), "À medida que a morte foi-se tornando um fenômeno da última fase da idade adulta, passou a ser em grande parte 'invisível'; a assistência aos doentes terminais é prestada por profissionais e ocorre em isolamento". Os autores também destacam que "As pessoas costumam passar por declínios cognitivos e funcionais pouco antes da morte".

Quanto aos rituais praticados após a morte, Bee (1997, p. 606) analisa que "Funerais ou outros rituais de morte atendem a diferentes funções, o que inclui a definição dos papéis para os enlutados, a aproximação da família e o proporcionar um sentido à vida e à morte do falecido". Ou seja, faz parte do processo de luto a família e amigos poder vivenciar um ritual, sendo, muitas vezes, caracterizado por estilos diferentes de velórios ou funerais, dependendo de cada cultura.

Para finalizar, é importante destacar as ideias de Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 738) que relatam: "Quanto mais significado e propósito a pessoa encontrar em sua vida, menos ela tenderá a temer a morte". Dessa forma, "A reavaliação da vida pode ajudar as pessoas a se preparar para a morte e dar-lhes uma última chance de concluir tarefas inacabadas". Assim, "Até mesmo o morrer pode ser uma experiência de desenvolvimento".

Diante de tudo o que foi exposto sobre o ciclo vital ou processo de desenvolvimento humano, torna-se necessário sintetizar as principais ideias abordadas por Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013) em suas obras, sendo tais ideias evidenciadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese sobre o ciclo vital

Identificação	Classificação	Idade Aproximada	Principais Características
Concepção	Início – ciclo vital	0	União entre um óvulo e um espermatozoide
Pré-Natal	Ovo ou zigoto	0 a 14 dias	Multiplicação das células
	Embrião	14 dias a 3 meses	Formação dos órgãos
	Feto	3 a 9 meses	Crescimento e aprimoramento do corpo
Infância	1ª infância	0 a 3 anos	Linguagem e locomoção
	2ª infância	3 a 6 anos	Imaginação, brincadeiras e noções de gênero
	3ª infância	6 a 11 anos	Amizades e aprendizagem escolar
Adolescência	Pré-adolescência	11 a 14 anos	Mudanças corporais
	Adolescência	14 a 17 anos	Grupos de amigos: "panelinhas"
	Juventude	17 a 20 anos	Exigências sociais e escolha profissional
Idade Adulta	Adulto jovem	20 a 40	Definição de profissão, procriação, auge da força física e intelectual
	Meia idade	40 a 60	Climatério, filhos saem de casa, ocupação com as gerações anteriores e posteriores
	Velhice ou Idoso	60 anos em diante	Aposentadoria, tempo livre, gradativa fragilidade física e cognitiva
Morte	Fim – ciclo vital	Indefinido	Rituais e funerais

Fonte: A autora, 2015.

Considerações Finais

Ao fazer a análise sobre as etapas do ciclo vital, com fundamentação principal em Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), é possível afirmar que, embora não se trate de vivências universais, elas são muito características de cada fase da vida. Por exemplo, apesar de muitas pessoas deixarem para ter

filhos mais tardiamente, o período mais indicado para a procriação é a fase de adulto jovem, depois poderá ser mais difícil ou até impossível, como é o caso das mulheres que entram na menopausa e, geralmente, param de procriar.

Por outro lado, é importante que os seres humanos façam essa análise sobre as etapas já vividas e as outras que estão por vir, para tentar se organizar e, quem sabe, planejar melhor a fase final do ciclo vital. Exemplificando, em uma sociedade em que cada vez mais existe a opção por ter um único filho, há a possibilidade de dois adultos cuidarem de uma criança e adolescente durante um determinado período da vida, e depois, esse mesmo filho ter de cuidar de dois idosos por período indeterminado. Esse cuidado pode ser financeiro, mas é, principalmente, afetivo. Em uma fase da vida em que o filho único possivelmente esteja também cuidando dos seus filhos e carreira profissional, poderá ter de assumir a responsabilidade de atender afetivamente as necessidades de dois idosos.

No caso da escola, os professores estão vivendo algumas experiências próprias de cada fase do ciclo vital, as quais poderão influenciar em sua prática educativa. Por exemplo, se os professores estiverem em fase de adulto jovem, provavelmente vão procriar e assumir as responsabilidades relativas à maternidade/paternidade. Ou, se estiverem na fase de meia idade, poderão se preocupar com os filhos que estão saindo de casa ou mesmo com os pais que poderão estar em idade avançada. Trata-se da tarefa de cuidar das gerações que antecedem aos adultos de meia idade e que, consequentemente, costumam interferir no aspecto emocional, bem como na rotina de todos os envolvidos.

Ao mesmo tempo, os professores trabalham com alunos que estão em alguma faixa etária específica, como a infância que tem características diferentes se estiver na 1º, 2º ou 3º, ou mesmo adolescentes que estão preocupados com questões relativas à mudança corporal, grupo de amigos, sexualidade, etc., sem estarem muito motivados para cumprir as exigências escolares. Considerando a longevidade e que, com isso, as pessoas tendem a viver mais e voltar a estudar mesmo na idade adulta, é possível os professores terem de trabalhar com adultos de diversas idades, uma vez que podem estar inseridos na Educação Básica ou Ensino Superior, e esses adultos também estarão vivenciando situações relativas a sua fase da vida.

Enfim, embora não seja uma regra geral, ou um padrão que deve ocorrer com todas as pessoas, tentar entender melhor o que acontece com os seres humanos nas diferentes fases do ciclo vital é importante, porque a escola contribui com esse processo formativo e lida com pessoas o tempo todo, sejam alunos, professores, funcionários da escola ou familiares.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal:* um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BEE, Helen. *O ciclo vital*. Tradução Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRASIL. *Lei n. 8.069,* de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: CBIA, 1990.

______. *Lei n. 10.741,* de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília: CNDI, 2003.

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni. Sexualidade e educação sexual. In: FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (Orgs.). *Psicologia e educação*: desenvolvimento humano infância. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 147-169. V. 1.

FERREIRA, Berta Weil. Adolescência: caracterização e etapas do desenvolvimento. In.: FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (Orgs.). *Psicologia e educação*: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 15-19. V. 2.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Vida adulta: visão existencial e subsídios para teorização. *Educação,* Porto Alegre, n. 5, p. 94-112, 1982.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1987.

RODRIGUES, Elaine Wainberg. O adulto médio. In: FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (Orgs.). *Psicologia e educação*: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 135-150. V. 2.

SANTOS, Bettina Steren dos; ANTUNES, Denise Dalpiaz. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação*, Porto Alegre, ano XXX, n. 1, p. 149-164, jan./abr. 2007.

Recebido em: 11/9/2015

Aceito em: 1º/8/2016